

Entre águas e memórias: o Rio Uruguai e as transformações ambientais e sociais

Lucas Antonio Franceschi

Doutorando do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF) e bolsista do FUPF
156600@upf.br

1. Introdução

O rio Uruguai é um recurso natural crucial que molda a ocupação da região oeste de Santa Catarina e do noroeste do Rio Grande do Sul. Fornecendo recursos alimentares e meios de transporte e recentemente fonte de energia com a construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, o rio também se tornou uma referência para a organização social das populações locais desde os primeiros ocupantes da região até os dias atuais, conforme o estudo dos sítios arqueológicos da região.

Com a ocupação portuguesa a partir da definição dos limites território do Estado do Rio Grande do Sul, a atividade econômica de criação de gado e muares se desenvolveu criando os rebanhos de animais foram transportados das fazendas para os estados do Paraná e São Paulo. Para o transporte desses contingentes de animais foi aberta uma estrada que atravessava o atual estado de Santa Catarina. Uma dessas estradas utilizadas cruzava o rio Uruguai no Passo de Goio-en, onde Passo Fundo se juntava às águas do rio Uruguai na atual cidade de Nonoai, em direção a Passo Borman (atual distrito de Chapecó).

No decorrer do processo de povoamento, a exploração da madeira da região revelou-se uma fonte de renda e também um meio de “limpar” a terra, deixando-a livre de árvores, incentivando a agricultura, que com a chegada dos imigrantes europeus ao século XIX. O rio Uruguai foi via de transporte para esse contingente madeireiro que dependia das chuvas e da cheia do rio para conseguir transportar acompanhando as águas através das balsas de madeira.

Depois de definidos os limites políticos da região do Vale do Rio Uruguai, no ano de 1917, os governos estaduais cederam às empresas colonizadoras lotes de terras para ocuparem, estabelecendo o povoamento da região. As empresas promoviam a venda de terras para famílias, em sua maioria agricultores de origem europeia, que já viviam nos assentamentos do Sul Rio Grande. A venda das terras gerou conflitos com os caboclos que as ocupavam, pois não tinham documentos das terras, apenas viviam como posseiros, tiveram que dar lugar aos colonos. Algumas vezes essa disputa pela terra era violenta, em outros casos o processo de colonização envolvia caboclos que

trabalhavam como diaristas e operários de famílias assentadas.

Com a chegada dos colonos outras atividades extrativistas foram estabelecidas no rio Uruguai, sendo uma delas, a pesca, que servia de subsistência as famílias ribeirinhas. Conforme Entrevistas realizadas com moradores do município de Caxambu do Sul/SC revelam detalhes sobre as técnicas utilizadas na pesca, como relata o senhor Valdecir Cecon, “Nóis tinha o Rio Uruguai meio perto. O finado pai dizia, vocês ficam por ali, que eu vô pescá. Ma ele vinha com um baldinho, que tinha um baldinho assim além do cepo, cheio de peixe. (...) Ma peixe nóis pegava em tipo, tudo quanto era tipo. Surubi, jundiá, piava”¹.

O rio Uruguai garantia o sustento de muitas famílias, e até os dias atuais ainda fornece peixes para alimentação, as técnicas apontadas pelo senhor Valdecir, como ceva, consiste em alimentar os peixes em um único lugar para posteriormente ir até esse local e pescar, já que os peixes já estão acostumados a ter alimento naquele local.

Essa atividade foi profundamente impactada com o advento da construção da usina, pois onde haviam corredeiras hoje jaz um lago, e não há mais a possibilidade de pesca do Dourado, peixe de escamas, que sobretudo era pescado em cachoeira e corredeiras.

Não somente as atividades foram modificadas, mas comunidades também perderam suas referencias, ao observar o mapa podemos observar que 36 comunidades foram diretamente afetadas pelo empreendimento.

A construção de usina foi um projeto de estado desde a década de 1970, quando começaram a ser realizados estudos sobre o potencial do rio Uruguai para a geração de energia elétrica. Esta nova forma de utilizar o rio procura garantir o abastecimento de eletricidade para o país, mas, em virtude do tamanho das obras, causa modificações no próprio rio e na relação da população com ele.

A área diretamente afetada pela construção da UHE Foz do Chapecó abrange parcelas ribeirinhas dos territórios de doze municípios do sudoeste catarinense e do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. No estado de Santa Catarina, os municípios atingidos são Águas de Chapecó, Caxambú do Sul, Chapecó, Guatambú, Itá e Paial; no estado do Rio Grande do Sul, Alpestre, Erval Grande, Faxinalzinho, Itatiba do Sul, Nonoai e Rio dos Índios.

Segundo informações do Consórcio Foz do Chapecó, o reservatório da barragem implantado

¹ Entrevista concedida pelo Sr. Valdecir Cecon ao pesquisador André Luiz Onghero, em Chapecó/SC, no dia 29/05/2008. Entrevista faz parte do acervo do CEOM, referente ao Programa Básico Ambiental UHE Foz do Chapecó, subprograma de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural e Paisagístico da UHE Foz do Chapecó, na qual o autor do projeto foi integrante da equipe (técnico e pesquisador) de registro fotográfico e filmográfico nas áreas potencialmente atingidas pela elevação do nível dos rios e formação do reservatório, que em razão de que os diversos modos de expressão cultural, formas de produção e atrativos cênicos existentes nos municípios abrangidos pelo empreendimento poderiam sofrer algum tipo de perdas com o processo de alagamento.

no ano de 2010, ocupa uma área de 79,2 Km². Destes, 40,0 Km² que corresponde à própria calha do rio Uruguai. Desta forma 39,2 Km² foram inundados para a formação do lago. Apesar de 3.923 hectares serem inundados, a Foz do Chapecó Energia adquiriu mais de 17 mil hectares com o objetivo de sediar canteiro de obras e o reservatório, além de reassentar algumas famílias que foram relocadas².

As famílias foram atingidas de modos diversos: parte perde parcelas das terras que ocupam, nas condições de proprietários, arrendatários ou posseiros; parte perde a totalidade das terras que ocupam, nas mesmas condições, sendo este o impacto mais importante sofrido pelos comunitários.

Muitas famílias mudaram-se do local onde permaneceram durante a suas vidas, alterando histórias e memórias, e as atividades cotidianas mudadas, já que seu espaço desapareceu, e foram obrigados a deixar o rio que marcou suas vidas. Que segundo o senhor Itamar Fistarol, é definido como “Ah, o Rio Uruguai aqui pra nós é bão, né, que água não falta pro gado, pra pescá tamém, tu sempre tem peixe, né. De vez em quando pesquêmo pra vendê, tamém, né, quando sobra tempo, né. E o Rio Uruguai é bão, perto, né, é até bunito de vê, né”³.

Para o senhor Itamar o rio é tudo, e ainda é também um espaço de sociabilidades, os as comunidades que eram separadas pelo rio se uniam em dias de festa, de jogos de futebol, unindo catarinenses e rio-grandenses nas comunidades ribeirinhas do rio Uruguai.

Por fim, o rio Uruguai tem uma importância fundamental no modo de vida das populações que viveram e vivem em seu entorno. Além de constituir um ecossistema complexo, proporcionar o sustento de famílias e promover a economia regional, ele é uma referência para a identidade e memória da população que teve uma mudança fundamental no ano de 2010, quando do fechamento das comportas e formação do lago da UHE Foz do Chapecó.

2. Metodologia

Com base na abordagem da História Ambiental, este estudo propõe investigar as relações históricas condicionais pelas comunidades atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó. A pesquisa utiliza fontes como: Entrevistas realizadas durante o processo de instalação da usina; Relatórios do Plano Básico Ambiental; Registros de imagem e som dos atingidos e também do Rio Uruguai; Periódicos da época; Processos civis sobre a posse e aquisição de terras, fundamentando-se nos debates teóricos de autores da área, como Donald Worster, Richard White, e

² Fonte: <http://www.fozdochapeco.com.br/> acesso 15 Dez 2024.

³ Entrevista concedida pelo Sr. Itamar Fistarol aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 31/05/2008.

José Augusto Pádua, que enfatizam as interações entre sociedade e natureza ao longo do tempo.

A pesquisa dialoga com os pressupostos de Donald Worster (1991), que destaca a relação entre sistemas econômicos e impactos ambientais, e Richard White (1995), que analisa as paisagens como produtos de relações simbióticas entre humanos e a natureza. No contexto brasileiro, a obra de José Augusto Pádua (2010) será fundamental para compreender a construção histórica das ideias de natureza e os impactos do desenvolvimento sobre as comunidades locais.

3. Resultados esperados e discussão

Ao longo do tempo, os hábitos e costumes das comunidades ribeirinhas sofreram diversas transformações, influenciadas por fatores históricos, culturais, econômicos e ambientais. O Rio Uruguai desempenha um papel central nessas dinâmicas, funcionando não apenas como um recurso natural essencial, mas também como um elemento de conexão e integração entre as comunidades que habitam suas margens. Esta pesquisa pretende compreender essas transformações, explorando as relações estabelecidas entre as comunidades e o rio, bem como a importância deste para a construção das relações sociais e culturais.

As comunidades ribeirinhas são marcadas por práticas que variam de acordo com o contexto histórico e as demandas impostas por mudanças socioeconômicas. No passado, os modos de vida eram amplamente moldados pela pesca artesanal, agricultura de subsistência e uso direto dos recursos do rio. Com o passar do tempo, houve uma transição para práticas mais influenciadas pela introdução de tecnologias e pela necessidade de adaptação às novas condições ambientais e econômicas. Tais mudanças refletem não apenas nos aspectos materiais, mas também nas tradições culturais, festividades e formas de organização social, sendo o Rio Uruguai é um elemento fundamental na vida das comunidades ribeirinhas, sendo simultaneamente um meio de sustento e um espaço de interação.

O Rio Uruguai conecta comunidades, promovendo a troca de experiências, conhecimentos e práticas que enriquecem as identidades locais. As festas e celebrações em torno do rio, como procissões e eventos comunitários, são exemplos de como o rio transcende seu papel funcional e se torna um símbolo de unidade e pertencimento. Em resumo, espera-se com esta pesquisa observar as transformações nos hábitos e costumes das comunidades e as relações estabelecidas com o Rio Uruguai, não apenas como um recurso natural, mas sim é um espaço de memórias, interações e resistências.

4. Considerações finais

A pesquisa pretende reafirmar a relevância de compreender as transformações históricas e culturais das comunidades ribeirinhas e suas interações com o Rio Uruguai, um elemento essencial para o desenvolvimento e sustentação dessas populações. Ao destacar a riqueza das relações sociais e culturais construídas em torno do rio, sendo o Rio Uruguai o fio condutor das relações estabelecidas pelas comunidades.

Referências

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no rio Uruguai (1930-1950). In: **Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEOM**. Chapecó: UNOESC, 1995. pp.111-139.

DMITRUK, Hilda B. Ocupação pré-colonial no Oeste catarinense. In: **Cadernos do CEOM, Edição Comemorativa**, n 23. Chapecó: Argos, 2006. pp 99-148.

FLORES, Moacyr. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos** – Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1952.

MALAN, Alfredo. O Passo de Goio-En. In: **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina**. Volume VII. 1918. 3º Trimestre. Florianópolis: Typ. da Escola de Aprendizes Artífices, 1918.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2ª edição. Chapecó: Argos, 2006.

ZAMBIASI, José Luiz. **Lembranças de velhos**. Chapecó: Argos: 2000.